



A ANÁLISE DO TRABALHO DOCENTE NA ESCOLA PÚBLICA: A EXPERIÊNCIA VIVENCIADA DURANTE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Késsia Fayne Barbosa Cavalcante¹

Renatta Irys de Araujo Queiroga²

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade relatar e analisar nossa experiência durante o estágio curricular supervisionado nos anos iniciais do ensino fundamental a partir de um processo reflexivo, vivenciado em três momentos: a observação, o planejamento e a regência de ensino. No período de observação conhecemos o funcionamento da instituição de ensino e o seu processo de ensino e de aprendizagem, o que contribuiu para a realização do planejamento que culminou com a regência de ensino no qual os conteúdos foram indicados pela professora regente, sendo eles, Língua Portuguesa, Matemática, História, Ciências, Geografia e Arte. Este estágio foi desenvolvido em uma escola municipal localizada na região oeste do município de Campina Grande-PB em uma turma com 27 alunos do 3º ano do ensino fundamental, no período vespertino. O estágio foi de suma importância, pois foram momentos valiosos vividos nesse convívio, que marcaram as nossas vidas e a das crianças, pudemos constatar a importância do mesmo para a formação do graduando por considerarmos que são as experiências que subsidiam nossa constituição enquanto sujeitos históricos, como estagiárias, estávamos em outra condição, na condição de professoras, dispostas a ensinar e a aprender e, sobretudo, conhecer como se dava a relação entre teoria e a prática e assim constatamos que ambas devem andar lado a lado durante todo nosso percurso profissional.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio. Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Prática docente.

INTRODUÇÃO

O estágio proposto se constituiu como uma “atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade” (PIMENTA, 2009, p. 45). Como preparação para nossa inserção ao campo de estágio, ressaltamos que foi imprescindível o

1 Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: kessiafayne@hotmail.com

2 Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Pós-Graduada em Educação Infantil pela Faculdade Nossa Senhora de Lourdes (FNSL). E-mail: renattaqueiroga@hotmail.com



acúmulo de conhecimentos trazidos desde o seio familiar, bem como nas relações interpessoais com os colegas de curso, professores e os teóricos que nos auxiliaram nesse processo. Essa preparação foi de extrema relevância para que fosse possível levar o conhecimento para o outro, isto é, para as crianças que nos aguardavam na escola. Nesse processo, tivemos acesso a novos conhecimentos trazidos pelas crianças e pudemos enxergar com mais atenção as crianças e os seus processos de desenvolvimento.

Em concordância com teóricos da área, sabemos que é preciso o contato direto das licenciandas em pedagogia com a prática pedagógica em escolas e instituições, pois somente com essa inserção no campo podemos adquirir mais conhecimentos que complemente nossa formação. Sendo assim, ser capaz de construir uma relação intrínseca entre prática e teoria, pensar o exercício da profissão, requer não só a capacidade de mobilização e articulação de informações teóricas, mas também a capacidade de lidar com situações concretas, saberes que devem ser apreendidos progressivamente durante a etapa da formação inicial e ao longo da carreira profissional (PRADO, 2012).

Nesta perspectiva, o trabalho tem como finalidade relatar e analisar alguns aspectos da experiência vivenciada durante o estágio curricular supervisionado nos anos iniciais do ensino fundamental (último estágio do curso³) a partir de um processo reflexivo.

O trabalho segue organizado em seções nas quais discorreremos sobre a organização da escola pesquisada e a articulação da prática pedagógica, em seguida abordaremos com mais ênfase a sala de aula a qual estagiamos e as relações professor aluno, posteriormente explanaremos os planejamentos elaborados e por fim, a ministração das aulas com suas devidas considerações.

Aspectos estruturais e pedagógicos da escola: observação

Esse estágio, por ser o finalizador de nossa trajetória acadêmica, foi bastante desafiador e de extrema relevância para nossa iniciação na docência em escolas da rede municipal de ensino. Nele, pudemos vivenciar em conjunto, todas as etapas propostas no plano de curso da disciplina de estágio, quais sejam observação, planejamento e regência de ensino. Durante o período de observação, conhecemos o funcionamento da instituição e o seu

3 O estágio supervisionado em Anos Iniciais do Ensino Fundamental do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande tem a carga horária de 360h. O mesmo acontece no último período do curso concomitantemente com a área de aprofundamento que compreende quatro disciplinas com a carga horária entre 40 e 60h e o Trabalho de Conclusão de Curso. Em semestres anteriores tivemos estágios supervisionados em Gestão Educacional (60h) e Educação Infantil (360h), todos eles em escolas da rede municipal de ensino.



processo de ensino-aprendizagem, como também os aspectos estruturais visíveis durante o período de permanência na escola.

A escola possui um espaço físico amplo e conservado, dispondo de salas de aula, biblioteca, cozinha, banheiros, pátios abertos e fechados, parquinhos, entre outros, necessitando de reformas e de manutenção em sua estrutura. Também possui uma sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), uma sala multifuncional com recursos de jogos, brinquedos e tecnologia para atuar com crianças com necessidades especiais. Essas crianças são matriculadas no ensino regular e recebem, também, atendimento na sala multifuncional com uma professora específica.

Em nossa investigação, constatamos a presença de programas federais atuantes na escola, como o Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), Programa Nacional do Livro didático (PNLD) e Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Existem, também, projetos criados e desenvolvidos pela própria escola com a participação de professores, dos pais e da gestão. São estes os projetos, Educador Familiar e Afago.

A escola também é integrada ao Projeto Educação pelo Esporte, elaborado e promovido pelo Instituto Alparagatas, que ao final de cada ano selecionam e premiam os “alunos nota dez”. Além disso, a instituição participa do projeto de gestão escolar desenvolvido pela Universidade Estadual da Paraíba e do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), pela UFCG.

Quanto ao planejamento da unidade de ensino, conforme o Projeto Político Pedagógico (PPP) e a entrevista concedida pelas gestoras, a organização didática de ensino está fundamentada em oferecer o melhor desempenho de seus alunos em leitura, escrita e cálculo, primando por uma educação que visa contribuir com a formação básica (intelectual, emocional e espiritual) do cidadão.

Na instituição, são realizadas reuniões e plantões pedagógicos, buscando aproximar e fortalecer a relação escola e família. Nestas ocasiões, os pais recebem orientações dos professores quanto ao processo de ensino e de aprendizagem de seus filhos. Quando necessário, a psicóloga da instituição também entra em contato com esses pais para acompanhar alguma situação específica.

Segundo o PPP, os objetivos de ensino são pautados em metas a serem alcançadas, tendo como missão favorecer o domínio das competências básicas, dos conteúdos e habilidades necessárias para uma atuação crítica e consciente como agente transformador da



sociedade. O PPP faz referência, ainda, à necessidade da formação continuada dos profissionais, no investimento de recursos didáticos e projetos educativos por meio de parcerias.

Segundo as gestoras, é a partir do trabalho coletivo realizado entre a gestão, os professores e os pais, que a criança pode se desenvolver integralmente. Durante o estágio não foi possível constatar a concretização dessa participação ampla da comunidade, todavia, reconhecemos a importância da proposta de gestão democrática apresentada no PPP da escola, uma vez que

Na realidade, a gestão democrática tem duas dimensões: a primeira diz respeito à função social da escola, que é democratizar o conhecimento socializado por ela, possibilitando condições universais de acesso, permanência e progressão do aluno, aliados à construção da qualidade pedagógica. A outra está ligada à organização interna da escola e abarca a administração com a participação da comunidade na organização da escola (MATOSO, 2012, p. 6).

Durante a observação, constatamos que, apesar de o PPP da instituição anunciar uma gestão democrática, há indícios de um modelo de gestão gerencial com foco no resultado das avaliações externas. Na entrevista, as gestoras ressaltaram uma grande preocupação em se manter no terceiro lugar, com nota 6,0 entre as escolas municipais no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Notamos que toda a escola é organizada com o propósito de manter os privilégios advindos dessa posição no ranking municipal. Inclusive, os alunos do 5º ano nas semanas que antecediam a prova Brasil, passavam a receber aulas de revisão para obterem bons resultados nessa avaliação externa, por este motivo, não foi permitido a nenhuma estagiária acompanhar a turma.

Essa perspectiva de ensino é o que o educador brasileiro Paulo Freire (1975) nomeia como, “educação bancária”, sendo depositados nas crianças os “conhecimentos, como se fosse um banco, do qual depois se saca por meio de famigeradas provas e testes” (FREIRE, apud PARO, 2010). E quando não se obtém o resultado esperado, “o fracasso é sempre jogado para a vítima” (PARO, 2010, p. 85), isto é, o aluno.

Ainda segundo Paro (2010), “aqueles que são aprovados nesses testes, não significa que se educaram”, pelo contrário, o exame mede “aquilo que você reteve naquele momento. Depois as pessoas esquecem”. Isto significa dizer que a escola “treina” os alunos para um



teste, a fim de obter uma nota, e através dela, receber recursos de ordem financeira e ter visibilidade diante as demais escolas do município.

O estágio supervisionado nos anos iniciais do ensino fundamental foi realizado em uma escola municipal localizada na zona oeste do município de Campina Grande-PB, à época, a escola atendia 710 alunos nos turnos manhã e tarde. Estagiamos em dupla (autoras do artigo) em uma turma do 3º ano composta por 27 alunos, uma professora titular e uma cuidadora de uma criança em situação de autismo.

A professora da turma é concursada e formada em licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), com especialização em Orientação e Supervisão escolar, Educação Infantil e Linguística e trabalha nos turnos matutino e vespertino na mesma escola. A turma contava com o trabalho de uma cuidadora⁴ que acompanhava um aluno autista.

No tocante à prática da professora da turma do 3º em que estagiamos, fomos surpreendidas ao ver que ela usava um microfone amplificador de voz para dar aula, já que passava por um problema de saúde que a impossibilitava de falar num tom mais alto. Quando acontecia de ela não suportar a dor ou sua voz não sair, a mesma tinha que conseguir uma substituta por conta própria. Em certa ocasião, a professora foi substituída por uma prestadora de serviços que parecia não ter experiência, apresentando uma postura autoritária para manter a disciplina da turma. Observamos que, alguns alunos acompanhavam aula da professora enquanto que outros se distraiam facilmente. Mesmo assim, ela não acompanhava individualmente os alunos, apenas corrigia os exercícios na lousa, o que favorecia a “cópia” por aqueles que não haviam respondido.

No período de observação, acontecia também uma vez por semana, o momento de reforço, no qual, alguns alunos da turma se deslocavam para a sala vizinha (também de 3º ano) e outros permaneciam na sala, havendo reforço para uns e continuidade de conteúdo para outros. Noutra ocasião, presenciamos a aplicação de mini testes com várias questões de múltipla escolha, o que seria uma espécie de treinamento para a prova Brasil. Os alunos respondiam toda a atividade sozinhos e sem consulta, sendo que ao término da atividade, a professora corrigia, contava o número de erros de cada um e entregava a folha de correção.

4 Conforme o art. 58 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, “§ 5º A ocupação de cuidador escolar caracteriza-se pelo serviço de auxílio prestado, no âmbito de instituição de ensino, a educandos com deficiência, considerada assim qualquer limitação, ainda que temporária, que os impeça de realizar tarefas básicas da vida diária” (BRASIL, 2014).



Nesse sentido, verificamos a ênfase que era dada ao número de erros e a exposição de crianças a situações que podem fazer com que se sintam inferiores umas às outras.

Nesse sentido, Chueiri (2008) aponta que esta avaliação que serve para classificar ou para regular traz em sua matriz a possibilidade de classificar o desempenho do aluno por meio da avaliação. Nessa concepção, podemos notar uma clara relação de poder em que o agente regulador, que é o exame, se sobressai com altivez para classificar o “sujeito agenciado”. O aluno é caracterizado como bom ou ruim por meio de números, que são as notas e as mesmas irão garantir os “elementos comprobatórios do saber” que são os diplomas e certificados, mas que na verdade servem para garantir a progressão do aluno.

No que diz respeito à interação professor-aluno, aluno-professor, observamos que há uma relação bem construída e alimentada pelos alunos que conseguem aprender os conteúdos com maior facilidade, isto é, a professora faz questão de ressaltar e divulgar para a turma quem está aprendendo, quem não está e quem não apresenta nenhum interesse pelos estudos.

Atentamos também para a relação de poder professor-aluno, pois em muitas situações em que a professora não conseguia “manter o controle” da turma, começava a alterar seu tom de voz, trocava os alunos de lugar, ameaçava chamar a diretora, ficar sem recreio e pedia que uma de suas “melhores” alunas escrevesse na lousa o nome dos alunos que não estavam se comportando. Observando o comportamento dessa aluna, vimos que a mesma se relacionava com os colegas de turma com um ar de superioridade, ou seja, a professora lhe dava a liberdade de reclamar, pedir silêncio e sair da sala mais vezes que os colegas porque mantinha essa relação de confiança com ela e, assim, permitia que exercesse uma autoridade equiparada à sua, em sala de aula.

Nesse sentido, foi notório um sistema de “classificação dos alunos”, a partir daqueles que sabiam e dos que não sabiam os conteúdos. Sobre esse problema, destacamos que:

Numa prática de exame, espera-se que o estudante manifeste aquilo que já aprendeu. Não importa o que ainda possa ou precise aprender, e sim que ele seja classificado com base na aprendizagem manifestada ao responder aos instrumentos de coleta de dados sobre o seu desempenho, aqui e agora (LUCKESI, 2011, p.182).

Apesar dessa fragmentação e ênfase no aluno melhor e mais comportado, percebi, em alguns momentos que a professora buscava se envolver, ainda que de forma mais restrita,



com os alunos que apresentavam dificuldades na aprendizagem. Ela desenvolvia um projeto de leitura que propiciava aos alunos lerem livros de literatura infantil. As crianças levavam as obras para casa na sexta-feira e na segunda-feira compartilhavam a história lida com os colegas.

Constatamos ainda, que os alunos sempre esperavam ansiosamente pelas aulas de Educação Física, no entanto, durante o período que estivemos na escola, as crianças tiveram que ficar na sala em duas ocasiões. Numa dessas ocasiões não houve aula porque estava chovendo e o ambiente coberto estava ocupado e noutra, as crianças ficaram na sala para não fazer barulho por conta da aplicação da avaliação externa para a turma de 5º ano. Tendo identificado limitações nesse trabalho, defendemos que “a Educação Física deve atuar como qualquer outra disciplina da escola, e não desintegrada dela [...] precisa garantir que, de fato, as ações físicas e as noções lógico-matemáticas que a criança usará nas atividades escolares e fora da escola possam se estruturar adequadamente” (FREIRE, 1989, p. 24).

A professora titular nos revelou que em sua turma haviam cinco alunos com deficiência, no entanto, apenas uma criança apresentava laudo médico com a constatação de autismo grau severo e portanto tem direito a uma cuidadora com atividades diferenciadas dos demais alunos. A mesma informou que os demais alunos supracitados apresentavam dificuldades na aprendizagem por ter algum tipo de deficiência ou atraso, porém não tinham laudo e, por isso, não puderam solicitar um cuidador.

A Secretaria de Educação (SEDUC) passou a exigir que o professor realizasse um trabalho diferenciado com as crianças que apresentassem comprometimento no desenvolvimento cognitivo, mas que não apresentasse laudo. Isso significa que o professor, em meio a tantas atribuições a que lhe é demandada, terá que dá suporte individual e preparar atividades diferenciadas para alunos que sentem dificuldades na aprendizagem.

Para Oliveira (2010, p. 10), “muitas das demandas apresentadas ao professor não podem ser resolvidas por ele, que não detêm meios e nem condições de trabalho para tal, e daí advém o lado perverso da autointensificação, que isso causa sofrimento, insatisfação, doença, frustração e fadiga”. O professor é cobrado para exercer o que lhe foi designado, mas não recebe apoio para isso.



A intervenção pedagógica em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental

Realizamos o planejamento, tendo em vista sua importância para orientar o professor em sala de aula, no que se refere ao fazer docente. De acordo com Farias (2009), planejar é uma ação reflexiva por pensar no que se quer ao planejar determinada aula, para determinadas crianças e quais os objetivos que se pretende alcançar. É também de cunho flexível e mediante as necessidades dos sujeitos ele pode ser modificado. Trata-se da

Estruturação da ação pretendida, definindo cada um dos elementos do processo de ensino, a saber: os objetivos que almejamos alcançar com o trabalho empreendido; os conteúdos ou temáticas a serem exploradas; os procedimentos didáticos a serem vivenciados; os recursos didáticos necessários às ações pretendidas; e a sistemática de avaliação da aprendizagem (FARIAS, 2009, p. 110-111).

Elaboramos o planejamento de ensino com os conteúdos que foram indicados pela professora regente, incluindo as áreas de Língua Portuguesa, Matemática, História, Ciências, Geografia e Artes. As atividades foram planejadas levando em consideração a realização da mostra pedagógica que estava sendo organizada, sendo a água, tema central a ser trabalhado.

Refletindo sobre como planejar as aulas, procuramos propor estratégias de ensino de forma que chamasse a atenção das crianças, incentivando-as em sala de aula. Conforme Haydt (2010), o professor pode buscar despertar o interesse do aluno de maneira a atrair a criança para o ato de estudar e aprender.

Após a etapa do planejamento realizado, passamos para a fase da regência de ensino. Logo, no primeiro dia estávamos repletas de ansiedade e almejando que tudo desse certo como havia sido planejado. Cremos, ser este, um dos aspectos mais preocupantes enquanto estagiárias, o medo de não conseguir realizar a prática de maneira bem-sucedida. Porém, vimos que, de fato, tínhamos que estar preparada para exercer o nosso ofício. Essa certeza, nos deu o suporte necessário para superar a ansiedade, e buscar proporcionar uma intervenção significativa para as crianças.

Começamos o trabalho com as dinâmicas, eu chamei o meu doutor e o maestro, com o objetivo de divertir e movimentar o corpo das crianças. Após esse momento, para que pudessemos introduzir o conteúdo de Língua Portuguesa e Ciências, foi feito um



levantamento de conhecimentos prévios dos alunos acerca da água e suas formas de uso, através de um diálogo aberto e participativo. Nessa prática de diálogo entre professor e aluno,

O professor transmite o que sabe, partindo sempre dos conhecimentos manifestados anteriormente pelo aluno sobre o assunto e das experiências por ele vivenciadas. Assim, ambos podem chegar a uma síntese esclarecedora da situação-problema que suscitou a discussão. Nesse momento de síntese, o conhecimento é organizado e sistematizado, sendo novamente aplicado à prática, agora já de forma estruturada (HAYDT, 2010, p. 59).

É essencial dar voz às crianças, fazer com que elas resgatem as suas experiências e por meio delas construam ou firmem conhecimentos. Em seguida, distribuímos para a turma uma história em quadrinho, tendo em vista que esse gênero já havia sido trabalhado pela professora. Nesse momento, solicitamos que realizassem a leitura, observando o que se tratava e pedimos que identificassem as palavras que indicavam as ações que os personagens estavam fazendo conforme mostrava as ilustrações, com isso, buscamos introduzir a conceituação de verbos, suas formas e usos.

Feito isso, exploramos um painel de verbos indicando a conjugação de alguns verbos encontrados no texto, de forma que eles participassem ativamente durante o processo, por meio da oralidade e indo ao quadro para registros.

Dando continuidade, agregamos o ensino de Ciências. Nele trabalhamos a música “Rap da economia e reuso da água”, de autoria das crianças⁵. Feito isso, solicitamos a leitura identificando os verbos existente na música e sua conjugação verbal utilizando o painel de verbos.

Constatamos que o incentivo e o reconhecimento do acerto pela criança são fundamentais, como também é importante não enfatizar o erro, ou mesmo, dar outro significado para ele. Nesse sentido, procuramos atuar como mediadoras do conhecimento, mostrando os caminhos para que as crianças chegassem ao aprendizado e não como detentoras do saber. Nessa perspectiva, elas tinham que tentar, fazer, refazer e chegar a um consenso que lhe permitisse desenvolver suas habilidades e compreender o processo de sua aprendizagem.

5 Atividade realizada na semana anterior com a professora regente da turma.



Com referência ao trabalho com a criança autista⁶, procuramos inseri-lo no processo utilizando quebra-cabeça com as ilustrações da história em quadrinho. As atividades diferenciadas e adequadas, eram todas contextualizadas com a temática abordada com os demais alunos. Para nossa surpresa, a criança demonstrou uma incrível habilidade de associar as imagens, através das cores.

Noutro momento, trabalhando com Língua Portuguesa, as crianças socializaram a pesquisa realizada em casa sobre a história do Açude Epitácio Pessoa (Boqueirão) e foi construído um texto coletivo, pois “o trabalho com produção de textos tem como finalidade formar escritores competentes capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes” (BRASIL, 1997, p. 65). No processo de escrita é preciso pensar nas condições de produção, que são: para que escrever? para quem escrever? onde? Quando? (KOCH, 2010).

Assim, a escrita do texto teve como finalidade compartilhar as pesquisas realizadas e possibilitar que as crianças se percebessem autores, capazes de escrever e opinar sobre um texto. Após a escrita o texto foi exposto na sala de aula.

Orientamos à escrita realizando modificações como inclusão ou exclusão de termos, pontuação, acentuação e destaque para os verbos e seus respectivos tempos verbais. Conforme a estudiosa Koch (2010), no ato da escrita, o escritor/produtor, não pensa de forma linear, então ele escreve, lê o que escreve e reescreve se necessário, realizando um movimento constante. Desse modo, o professor como mediador nesse processo é fundamental, pois escrever é socializar o conhecimento com o outro. Ao final, as crianças foram solicitadas a ilustrarem o texto escrito.

Algumas vezes realizamos a leitura deleite das obras *O rei bigodeira* e *a sua banheira* do autor Audrey Wood e ilustrações de Don Wood e *Tatu-Balão* de autoria de Sônia Barros, para que as crianças apreciassem prazerosamente a leitura. Trazer a literatura para a sala de aula é uma maneira de cativar as crianças para a leitura, para o gosto e o prazer de ler, buscando penetrá-las nesse universo imaginário. Dessa forma, “a literatura nos afeta, nos tira do lugar em que estávamos [...]. Ela vai além do plano racional, está mais próxima do plano dos afetos, da subjetividade. Aquilo que fala dos nossos sentimentos, sensações e sonhos” (PARREIRAS, 2009, p. 24). Essa atividade permitiu que as crianças realizassem inferências sobre a história contada, interagissem trazendo seus conhecimentos prévios e contribuísse acrescentando novos conhecimentos.

⁶ Todas as atividades com a criança autista foram realizadas juntamente com a cuidadora do mesmo.



Trabalhando com Matemática, contamos a história das frações, com o auxílio de ilustrações dos povos Egípcios e as formas de medição utilizadas naquele período. A intenção de trazer a história da fração para a sala de aula foi de contextualizar o conteúdo e atrair a atenção das crianças. Depois, distribuímos materiais confeccionados por nós para o trabalho concreto com frações.

Durante a atividade, exploramos materiais concretos e os alunos representaram as frações indicadas utilizando os materiais e realizando registros no caderno. Para trabalhar o conceito de fração, deve-se recorrer a “situações em que está implícita a relação parte-todo; é o caso das tradicionais divisões de um chocolate, ou de uma pizza, em partes iguais” (BRASIL, 1997, p. 103).

Além disso, também foi realizada a brincadeira “bingo de frações” para que eles identificassem as frações e suas representações, além de descobrirem como funcionava a regra do jogo de bingo, lembrando que:

Por meio dos jogos as crianças não apenas vivenciam situações que se repetem, mas aprendem a lidar com símbolos e a pensar por analogia (jogos simbólicos): os significados das coisas passam a ser imaginados por elas. Ao criarem essas analogias, tornam-se produtoras de linguagens, criadoras de convenções, capacitando-se para se submeterem a regras e dar explicações (BRASIL, p. 48, 1997).

O uso de jogo na sala de aula é uma maneira lúdica de ensinar, por ser um processo de aprendizagem atrativa, propiciando o prazer e o interesse nas crianças por determinado conteúdo.

No tocante à Geografia, foi feito um estudo do tratamento e o percurso da água. Mostramos e explicamos o processo de tratamento da água por meio de um cartaz ilustrado. Surgiram várias indagações, a exemplo, “e a água do nosso banho também passa por esse processo?”, “como a água mineral é tratada?”. Expomos como ocorre a etapa da filtração, por meio da confecção de um filtro d'água caseiro com garrafa PET. Em seguida, apresentamos os materiais que iríamos usar com o auxílio de cartaz com o seu passo a passo. Refletindo sobre o ensino de Geografia, destacamos que este

É fundamental que a formação do professor/pedagogo esteja pautada no comprometimento com políticas voltadas à transformação e lhe forneça o domínio teórico-metodológico da Geografia, as competências didático-



pedagógicas para ensiná-la, as habilidades para produzir conhecimentos geográficos com seus alunos, permitindo-lhe superar a concepção mecânica de ensino meramente reprodutora de conteúdos prontos e acabados (FARIAS, 2014, p. 87).

Conceituar o conteúdo experimentando e representando torna-se muito mais significativo para quem aprende. Em concordância com Brasil (1997), atividades como essas são interessantes por facilitar a compreensão sobre a captação, a chegada da água às casas e a relação da pressão da água.

Durante o processo, as crianças demonstraram euforia, curiosidades e aprendizados. Com o término da experiência, elas relataram que iriam realizar a confecção do filtro caseiro em casa e assim o fizeram, trazendo na aula seguinte para compartilhar a experiência na sala.

De acordo com Haydt (2010, p. 57), “cabe ao professor, durante sua intervenção em sala de aula e por meio de sua interação com a classe, ajudar o aluno a transformar sua curiosidade em esforço cognitivo e a passar de um conhecimento confuso a um saber organizado”. Neste sentido, pedimos para que eles nos explicassem o passo a passo do processo de filtração da água e em seguida fizessem o registro no caderno.

Em relação ao ensino de História, continuamos com o texto coletivo sobre o Açude de Boqueirão, agora, com ênfase no resgate histórico de como era antes e como estava atualmente o Açude no presente, o tempo e a história. Expomos na lousa duas imagens sobre o antes e o depois do Açude analisando desde o início de sua construção. Nesta perspectiva, “o professor cria situações pedagógicas que permitam revelar as dimensões históricas dos acontecimentos passados e presentes, expondo suas complexidades e sua presença emaranhada na realidade e na história” (BRASIL, 1997, p. 86).

Conversamos sobre a imagem e logo após as crianças realizaram a representação do Açude utilizando pratinhos de papelão, tinta e pincel. Ao terem conhecimento da proposta de atividade com Arte, as crianças ficaram extremamente alegres.

Para Almeida (2007), o trabalho com Artes na escola favorece o desenvolvimento emocional e social das crianças, por possibilitar que eles extravasem suas emoções, como também contribui para a formação geral deles. Pois, as Artes são parte do patrimônio cultural da humanidade e uma das principais funções da escola é preservar esse patrimônio e dá-lo a conhecer.



Ressaltamos a importância do trabalho em grupos, atentando à necessidade da organização e preparação do ambiente para o bom desenvolvimento da atividade e a socialização e o compartilhamento do material. No decorrer da aula incentivamos a produção artística, com perguntas e sugestões às crianças sobre sua criação. Por fim, fizemos a socialização das produções das crianças e, em seguida, construído um painel das produções e todas as crianças nomearam suas obras.

No tocante a avaliação, a mesma acompanhou todo o processo de aprendizagem, considerando a apreciação do desempenho das crianças, tendo em vista uma aprendizagem significativa e contextualizada. Observamos que as crianças conseguiram alcançar os objetivos propostos em cada conteúdo trabalhado.

Sendo assim, o estágio supervisionado nos anos iniciais do ensino fundamental foi de suma importância, pois foram momentos valiosos vividos nesse convívio, que marcaram as nossas vidas e a das crianças. O que também nos fez refletir no projeto de educação e de escola que vivenciamos e a queremos oferecer de volta a sociedade, em forma de retribuição a todo aprendizado adquirido ao longo do curso.

Nos nossos primeiros passos, ao experienciar o saber-fazer na instituição em que estagiamos, o primeiro impacto foi “o susto diante da real condição da escola e as contradições entre o escrito e o vivido, o dito pelos discursos oficiais e o que realmente acontece” (PIMENTA, p. 103, 2009). Como estagiárias, estávamos em outra condição, na condição de professoras, dispostas a ensinar e a aprender e, sobretudo, conhecer como se dava a relação entre teoria e a prática e assim constatamos que ambas devem andar lado a lado durante todo nosso percurso profissional.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Célia Maria de Castro. **Concepções e práticas artísticas na escola**. In: FERREIRA, Sueli. *O ensino de artes: construindo caminhos*. Campinas – SP: Papirus, 2001. p. 11-38.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CHUEIRI, Mary Stela Ferreira. **Concepções sobre avaliação escolar**, nº da revista: 39; volume: 19; páginas 49 a 64; data de publicação: janeiro a abril de 2008



LUCKESI, Cipriano Carlos. **Primeira constatação: a escola pratica mais exames que avaliação.** In:_____. *Avaliação da aprendizagem componente do ato pedagógico.* São Paulo: Cortez, 2011. p. 179-212.

FARIAS, Paulo Sérgio Cunha. **A formação do professor de geografia para a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental.** In:_____. *A formação docente em geografia: teorias e práticas.* Campina Grande: EDUFCG, 2014. p. 77-106.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de. **O planejamento da prática docente.** In:_____. *Didática e docência: aprendendo a profissão.* Brasília: Líber Livro, 2009. p. 103-127.

FREIRE, João Batista. **Educação de Corpo Inteiro: teoria e prática da Educação Física.** São Paulo: Scipione, 1989.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala.** São Paulo: Global, 51ª Edição, 2006.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. **A interação professor-aluno.** In:_____. *Curso de didática.* São Paulo: Ática, 2010, p. 55-88.

KOCH, Ingedore Villaça. **Escrita e interação.** In:_____. *Ler e escrever: estratégias de produção textual.* São Paulo: Contexto, 2010. p. 31-52.

MATOSO, Maria da Glória Barbosa. **As políticas educacionais de descentralização no Ceará e seus impactos no cotidiano do trabalho docente.** In: VIII Seminário Sobre Trabalho Docente, 2012, MARILIA/SP, p. 1- 10.

OLIVEIRA, Dalila Andrade; GONÇALVES, Gustavo Bruno B.; MELO, Savana D.; FARDIN. **Transformações na Organização do Processo de Trabalho Docente e o Sofrimento do Professor.** Out. 2010. p. 1- 15.

PARO, Vitor Henrique. **A escola pública que queremos.** In:_____. *Educação como exercício do poder.* São Paulo: Cortez, 2010, p. 81-103.

PARREIRAS, Ninfa. **Confusão de língua na literatura: o que o adulto escreve, a criança lê.** Belo Horizonte: RHJ, 2009.

PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio: diferentes concepções.** In:_____. *Estágio e Docência.* São Paulo: Cortez, 2009, p. 33-57.

PRADO, Edna. **Estágio na licenciatura em Pedagogia: gestão educacional.** Petrópolis: vezes 2012.